

#21 Inevitabilidade das Ações nas Bolhas do Samsara - RI 2020

Lama Padma Samten

Bacupari, 25/07 a 02/08

<https://www.acaoparamita.com.br/programa-de-treinamento-em-21-itens/> - #21

Revisão: Nea de Castro - abril de 2023

Este é um material transcrito a partir de ensinamentos orais de Lama Padma Samten. Ele é usado exclusivamente para apoiar os estudos e práticas dentro da sanga, pedimos não reproduzir em outros sites. O material está em constante revisão e melhoria; quaisquer erros encontrados são devidos às limitações das pessoas envolvidas na transcrição e na edição, e serão corrigidos assim que possível.

Caso tenha contribuições para melhorar esta transcrição, entre em contato pelo email repositorio.transcricoes@gmail.com.

Inevitabilidade das Ações nas Bolhas do Samsara

O Segundo Passo do Nobre Caminho corresponde a uma percepção importante que está ligada naturalmente ao passo anterior, que seria a Motivação. Então, se nós temos uma motivação de trazer benefício aos seres, nós não deveríamos prejudicá-los, nós não deveríamos causar sofrimento aos seres. Esse é o teor do Segundo Passo do Nobre Caminho, na verdade, é o teor dos passos subsequentes agora: segundo, terceiro e quarto.

No Segundo Passo do Nobre Caminho, nós evitamos trazer o sofrimento através do nosso corpo. No Terceiro Passo do Nobre Caminho, nós evitamos trazer sofrimento aos seres através da nossa fala. E no Quarto Passo do Nobre Caminho, nós evitamos trazer sofrimento aos seres através da nossa mente. Aqui novamente vamos sentir de imediato a questão de *Bodicità*, porque se *Bodicità* estiver presente é muito natural que não vamos trazer sofrimento aos seres através de corpo, fala e mente.

Se *Bodicità* não estiver presente, a pessoa é um personagem operando dentro de uma bolha, buscando objetivos específicos. Então, pode ser que as pessoas sejam beneficiadas se elas forem pessoas que se aliam aos nossos projetos, mas se elas tiverem ideias próprias, estiverem andando pelos seus próprios mundos e, pior ainda, se forem mundos competitivos, nós não temos aspiração nenhuma ou nenhum tipo de problema em causar dificuldades em corpo, em fala e mente para esses seres. Essa é a estética das bolhas do Samsara.

Já em *Bodicità*, os seres têm essa aspiração de produzir benefícios. É muito curioso, muitos exemplos do Buda tentando beneficiar os seres que estão perseguindo [a] ele mesmo. Eu acho isso completamente extraordinário! Completamente extraordinário, maravilhoso, isso é *Bodicità*. Por exemplo, nós vamos encontrar esses relatos do Buda conseguindo trazer benefício aos seres que se aproximam para matá-lo, se aproximam para causar problemas de vários tipos.

Eu diria que essa também é a essência de Guru Rinpoche. Guru Rinpoche vai, penetra no Tibete e encontra muitos seres hostis, especialmente no nível sutil. Então ele vai se defrontar com aquilo, ele vai enfrentar muitas dificuldades, ele vai enfrentar complôs específicos, do tipo assim: os ministros do Rei Trisong Deutsen dizem “Por que que o rei não mata ele? Mate ele”. Muito simples assim, vai lá e mate ele. Esse matar ele, seria assim, mate Guru Rinpoche, “Ele tá destruindo o nosso país, ele tá destruindo o

reino, vai lá e mate ele, ele é um mago indiano que veio aqui e tomou conta, ele vai destruir a base do nosso povo, da nossa cultura”. Essa era a visão dos ministros, os ministros falavam isso diretamente para ele. Então, aí vocês podem ter idéias de como as coisas se mostram: as pessoas têm uma bolha, aí vem o próprio Buda, se manifesta ali como Guru Rinpoche, e as pessoas dentro da bolha se sentem profundamente prejudicadas, ao ponto de aspirar a articulação da morte do outro. Simples. Só que o outro quem era? Guru Rinpoche, pense.

Eu acho isso muito comovente, muito extraordinário. Se as pessoas presas nas bolhas aspiram a morte de Guru Rinpoche, podemos entender que as bolhas estão voltadas [para alguém], elas podem produzir aspirações negativas de corpo, fala e mente em relação a qualquer pessoa. Isso é capaz de se voltar contra Guru Rinpoche, que sobe sozinho e enfrenta aquilo com grande dificuldade, com um ambiente grosseiro: frio, vento, dificuldades de todos os tipos. Ele vai lá e se movimenta simplesmente, ele é vitorioso dentro disso. Mas não podemos dizer que ele chegou no topo de um elefante, abrigado do frio, rodeado de um grande exército, para ser colocado numa posição elevada, não foi assim.

Quando Guru Rinpoche chega diante do rei, pela primeira vez eles se defrontam, surge um problema: quem é que vai fazer prostração para quem? Ali ele é o imperador, Guru Rinpoche deveria fazer prostração para ele, mas Budas não fazem prostrações para reis, os reis é que fazem prostração para eles. Aí o Rei Trisong Deutsen diz para ele: “Olha, você faça prostração”. Aí Guru Rinpoche emanou uns raios e o rei entendeu que era melhor ele fazer as prostrações, que era mais seguro.

O tempo todo esse tipo de obstáculo, o tempo todo. E ele vai encontrando os seres, as deidades da terra, as deidades que correspondem às bolhas de realidade, e as deidades se opõem diretamente a Guru Rinpoche. Porque Guru Rinpoche é simplesmente o matador das ilusões, das bolhas, ele chega como aquele que vai acabar com as bolhas. Então as deidades das bolhas se opõem de modo feroz, não só no nível sutil, como no nível grosseiro. Aí o que Guru Rinpoche faz: ele pega e (som de arma de fogo ta ta ta ta). Não, ele não faz nada disso, ele pega e converte todos, ele transforma as visões para visões elevadas. Não tem nenhum momento que Guru Rinpoche vai considerar que os seres são malignos ou adversários, todos os seres – de qualquer forma – eles são seres a serem beneficiados. Então isso é *Bodicità*.

[Assim] vamos encontrar, por exemplo, essa noção dos Protetores do Dharma. Os tibetanos fazem tradicionalmente a prática de protetores, Chagdud Rinpoche conduzia a prática diária dos protetores. Os protetores são uma vastidão de pensamentos malignos que podem se transformar em Protetores do Dharma, no sentido de nós tomarmos eles como uma lucidez com respeito àquele tipo de perturbação. [Fazemos isso] de tal modo que possamos enfim começar naquele ponto do caminho onde aquelas emoções perturbadoras, aquelas intenções malignas estão presentes, só que elas se tornam o ponto de partida para um caminho. Aí nós vamos melhorando, melhorando, e vamos adiante.

Aquilo é[a]expressão completa de Chenrezig: ele encontra os seres do jeito que os seres estão. Ele não chega lá e “Olha, eu tô aqui sentado no topo dessa montanha, quem tiver boa vontade e forem seres elevados venham até mim”. Chenrezig nem convida as pessoas para vir, ele vai atrás das pessoas nos piores lugares que elas estejam. Onde é que estão os seres? Os seres estão nos seis reinos, pessoal, eles estão no *Samsara*. Se eu for esperar que os seres do *Samsara* não sejam seres do *Samsara* para então eu acolher, isso não é compaixão. O problema dos *Bodisatvas* é que os seres a serem salvos têm a cara que eles têm, esse é o problema, então para lidar com isso *Bodicità*. Não tem nenhum ser a ser rejeitado, todos os seres dos Seis Reinos são para serem acolhidos, só que eles vão ser acolhidos cada um ao seu jeito. Por

exemplo, Guru Rinpoche usou meios: ele vai usar a ação pacificadora, incrementadora, ação de poder sempre - no sentido de não ter perturbação com relação ao que acontecer - e ação irada. A ação irada pode ser de vários tipos. Eu sempre imagino que a ação irada mais forte diz respeito a que a pessoa se encontre com Maharaja.

A ação irada mais forte não é bater na pessoa, a ação irada mais forte é ajudar a pessoa a se defrontar com as próprias qualidades negativas, que ela tem no sentido prático, e observar as consequências das ações que a pessoa produz. Porque existe a ação irada na qual tem uma ação poderosa que é feita sobre a pessoa, mas, por exemplo, se a pessoa tem *Guru Yoga*, ou seja, ela quer avançar, ela tem confiança, se ela recebe uma ação irada ela responde adequadamente. É como, por vezes, vemos assim: uma mãe que briga com uma criança e a criança, dependendo do seu tamanho, depois da briga vai lá e se abraça com a mãe, se abraça chorando na mãe. Por quê? Porque ela tem *Guru Yoga* com a mãe, ela não vai e diz “bom, agora vou tomar meu próprio rumo”, ela não vai dizer isso, o rumo da criança é a mãe, então ela tem confiança. Essa relação é a que permite ação irada, se não tem essa relação então ação irada ela não serve, a ação irada tem que ser de outro tipo. Essa ação irada é ainda muito compassiva, no sentido de que ela é forte, mas a ligação permite aquela ação forte. Mas se a ligação não permite a ação forte, não há esse recurso. Por quê? Se há uma ação de certo tipo, as pessoas se afastam, se afastam do Dharma, se afastam do Buda, [isso] não serve.

Então é preferível a ação irada do psicólogo. Como é a ação irada do psicólogo? O psicólogo está ali “Você quer comprar tal coisa, ficar rico nisso, fazer uma formação em não sei o que?” “Simmm” “Então faça”. Você concorda com tudo, potencializa. Só ajuda ele a entender o resultado das ações dele. Essa é uma ação aparentemente pacífica, mas é uma ação super irada, porque a pessoa vai se defrontar com o resultado das suas ações. Enquanto, por exemplo, uma mãe irada evita que o filho se defronte com o resultado das suas ações quando ela diz “não toca aí, não mexe aí, que vai explodir tudo”. Ação mais irada do que essa é assim: “Você quer mexer? Então tá, vai lá puxa e vamos ver no que vai dar, eu estou aqui para depois ajudar a consertar”, aí explode tudo, “pois é, explodiu né?” Menos irada do que essa é assim: “não toque, porque vai explodir! pra cá imediatamente!”. Essa é uma ação protetora, ela parece irada, parece a pior de todas, mas não é. A pior é assim: “ok, estou aqui lhe ajudando, você está indo, depois a gente junta os pedaços”. Se as pessoas têm confiança, é possível intervir, se elas não têm confiança, não [se] intervém. Então, esse fato acontece. Isso é a ação por *Bodhicita*.

Se tem *Bodhicita*, isso é uma coisa maravilhosa; se tem lucidez, se tem *Bodhicita*, isso é maravilhoso. Se nós não temos *Bodhicita*, nós estamos andando pelas bolhas. Aí vamos andando assim. É natural que nós encontremos, mesmo entre os Budas, os inimigos. Ainda assim, os Budas quando vêem os outros olhando como inimigos, eles não olham como inimigos. Eles olham como seres que estão nos infernos, que estão no âmbito dos seres famintos, eles vão precisar ser protegidos, mas o aspecto cármico é que vai decidir como essa possibilidade de auxílio se dá. Isso é muito comovente, eu acho muito comovente.

Se vocês olharem, por exemplo, o Buda Primordial, Samantabhadra, ele socorre todos os seres, ele vive dentro de cada ser, cada ser já tem a garantia de não mortalidade, a gente tem a garantia. Deu o que deu, a pessoa sai adiante. O personagem pode não sair, não ter condição, a bolha pode craquelar toda, explodir tudo, mas o núcleo do ser ele segue. Então nós temos essa garantia. As pessoas não vêem, não reconhecem, não entendem [que] elas estão operando dentro da bolha, por isso que um jogo de tabuleiro se torna crucial. A pessoa não pode perder aquilo, porque ela é aquele personagem, ela tem a vida e a morte ali. Mas o Buda Primordial garante isso, só que nós não vemos.

O Buda Amitaba garante o acesso direto, a porta aberta para cada um. Você senta com calma, você vai ver toda a ilusão construída da sua mente, todas as hostilidades, toda a fixação a coisas positivas ou negativas, todas as bolhas. Repousa em silêncio, você tem *Rigpa*! Olhe o que está acontecendo! Olhe cada coisa como ela é. Isso é Amitaba. Aí a pessoa vê, isso está aberto para a pessoa ver. Mas está bem, aí a pessoa não vê, não pratica, não vê. Claro, porque, imagina assim, o rei do tabuleiro em vez de jogar ele pára. Até para evitar isso no jogo de xadrez tem um tempo máximo que pode parar. Aí fazer o quê? Então, não pára.

Tem a possibilidade da pessoa ser alcançada por Chenrezig nas mais variadas formas. Aí, quando a pessoa é alcançada, quem é que é alcançado? O personagem dentro da bolha é alcançado, só que dentro do *script* de possibilidades, do espaço de possibilidades dentro das bolhas, tudo o que Chenrezig fala é um pouco estranho. Porque ele fala para fora da bolha, não fala para dentro da bolha. [E] muito difícil, a pessoa também não olha e ela segue com os impulsos correspondentes da bolha, que se traduzem como as Dez Ações Não Virtuosas. Então a pessoa tem impulsos naturais de matar. Matar se dá em vários níveis. Entre o processo de matar, nós vamos encontrar a exclusão do outro, a pessoa tem a sensação de “o mundo é pequeno para nós dois, o cosmos é pequeno para nós dois”, as pessoas às vezes têm essa sensação assim. Por exemplo, os irmãos brigam, como é que eu vou viver uma vida se tem uma briga com minha irmã, uma briga com meu irmão, eu vou chegar nos lugares, aquilo vai estar sempre torto, sempre desajeitado, então “era melhor que ele fosse viver num outro cosmos e eu vivo nesse aqui sem ele, vou apagar a existência dele”.

Aí a pessoa também viveu muitos anos com alguém, construiu uma vida, tem os filhos e tudo, e aquilo de repente tem uma briga e as pessoas se separam. Ela nunca consegue andar direito no lugar onde são as bolhas correspondentes ao domínio do outro. Ela entra por ali, sai por ali, desajeitada. “Então era melhor a gente dividir esse mundo: você fica com a metade do sol, eu fico com a outra metade, você fica com a lua, a gente alterna a lua, mas eu não quero saber de você no meu mundo”, uma coisa assim. Só que não tem essa possibilidade. Nós temos esse tipo de loucura, isso é uma forma de matar. Matar é excluir o outro do mundo, não tem lugar para o outro.

Nós socialmente matamos assim, direto. É muito comovente isso, mas socialmente nós matamos, porque nós não temos a capacidade de olhar e incluir no nosso mundo, na nossa visão de mundo, todos os seres. Então aí surge o sectarismo, surge a exclusão racial, exclusão por idade, exclusão dos vários tipos, exclusão social. Aquilo não importa que as pessoas morram, não importa, é desejável que aquelas pessoas desaparecessem. Eu vi filmagens de fazendeiros na Amazônia dizendo isso assim: “que os americanos fizeram certo, eles dizimaram os índios, aqui no Brasil nós estamos protegendo os índios, isso é atraso! Os Estados Unidos prosperou porque dizimou os índios logo”. O que não foi verdade. “Mas aqui o que a gente precisava era acabar com eles”. Muito comovente, muito comovente isso.

Aí vocês vão vendo a máquina entrando por dentro da Amazônia, eles localizando as populações ribeirinhas, sejam elas mestiças ou brancas ou indígenas, aquelas pessoas estão num risco seríssimo de vida. Porque elas não têm documentos, elas são posseiras em áreas que as pessoas querem se adonar. As pessoas ali dentro estão impedindo, pela presença delas, elas impedem o domínio da terra; como eles não têm documentos, não têm proteção, não têm vigilância, não têm nada, eles simplesmente são dizimados, as pessoas entram lá e matam eles. Por exemplo, hoje está se falando sobre os índios isolados, aquilo é muito comovente. Eu vi umas filmagens [em que] de repente os índios isolados aparecem em acampamentos, aparecem na FUNAI. Por que os índios isolados aparecem ali? Aí eles falam e ninguém entende a língua deles, eles estão perturbados. De repente alguém, em algum lugar, conhece a língua deles. Trazem essa pessoa ou filmam e mandam aquilo e vem, aí ele diz: “Eles cercaram a aldeia; eles mataram a

minha mulher; mataram minha mãe; mataram meus filhos; mataram isso; nós estamos aqui, eles vão nos matar”. Eles estão na beira do rio, dizendo isso assim, falando.

Então, como é que brota o impulso de matar essas pessoas? De onde é que brota isso? Isso brota da bolha. As pessoas não são más, elas têm os seus filhos, fazem gemada para eles, fazem mingau, acordam as crianças com calma de manhã, botam uma roupinha para não pegar frio e matam os outros. Quando nós sentimos no nosso coração essa hostilidade, essa vontade de exclusão, é uma exclusão sem rosto, uma morte sem ódio, mas é uma morte, temos que limpar aquilo. Eles não têm ódio aos índios, só que os índios estão atrapalhando, então eles precisam morrer. Isso é super comovente.

Agora, por exemplo, nós estamos com Covid.. Covid invadindo as aldeias e eu acho que a coisa mais fácil de proteger é uma aldeia de cem ou duzentas pessoas, porque se tem um contaminado, você já isola ele, bota ele pra cá, não deixa contaminar com os outros. Separa. Faz a testagem, porque é um número pequeno. Mas não, tu deixa aquilo grassar, aí todo mundo pega aquilo e três ou cinco por cento morre, especialmente porque não tem nem socorro. Esse processo de dizimar as pessoas, populações, através das doenças dos brancos, ele foi inclemente. Foi o processo que dizimou, do sul da Patagônia ao norte do Canadá, do norte ao sul da América. (Comentário da praticante Lia: “A expressão “maus lençóis” vem de lençóis contaminados, roupas contaminadas que eram deixadas perto de aldeias e os índios pegavam e [eram] dizimados.”) A Lia está lembrando dessa expressão “maus lençóis”, que era uma forma de contaminar as populações. Então, aquilo tá contaminado, tu deixa aquelas roupas contaminadas, eles vão lá pegam aquilo, adoecem e morrem. Aquilo vai se propagando aos poucos assim. É muito comovente.

Aí tem esses relatos... Uma vez estive no Teatro Solís, em Montevideo, eles têm uma seção de livros. É curioso, porque àquela seção de livros nós não temos acesso aqui, estamos no Brasil, e não [acessamos] aquilo. Por quê? Porque são livros de circulação localizada. Mas tinha muito sobre a história indígena deles lá e da América. Eu encontrei esses relatos sobre essa morte por doença, como eles fizeram, eles tiveram um super êxito nisso. Também, você viaja para esses lugares e cada riozinho é “general alguma coisa”, atravessa um rio “general alguma coisa”. Por que que tem um “general” em cada rio daqueles? É porque o general dizimou alguma coisa ali, pode ter certeza. Então essa é a história. Mas essa é a história do quê? Das dez ações não virtuosas, [na] ação de corpo a primeira delas é matar. Essas pessoas provavelmente ganharam nome de rio, ganharam *status*, ganharam respeitabilidade. Por quê? Porque a bolha é isso, entende? Vocês imaginem, vocês estão chegando em uma região dominada por outros povos, nós precisamos liquidar aqueles outros povos para poder entrar aqui, é simples. E aqueles outros povos reagem, eles querem nos matar e aí quem matar eles é um herói. Essa é a naturalidade do processo da morte.

Essa naturalidade vem da bolha, não é que sejam monstros, eles são seres das bolhas. Esses seres das bolhas não é que eles não tenham educação, não, eles são seres das bolhas. Então quando nós localizamos em nós mesmos a vontade de excluir, de matar, de alguma coisa assim, poderíamos ver isso como indicativo das bolhas que estamos operando, quais são essas bolhas que operamos, olha isso com cuidado, isso faz parte da nossa prática. Isso é algum elemento [em] que nós precisamos colocar consciência. No caso do Budismo, por exemplo, o Buda vai descrever as falhas da nossa prática como as falhas de criar cisão na Sanga, causar obstáculos na Sanga, falar mal de pessoas da Sanga, de criar divisões. O Buda deu muitos ensinamentos sobre isso. Tem uns ensinamentos super maravilhosos, realmente muito estruturados, sobre como esse funcionamento se dá. Eu diria maravilhoso porque aquilo é montado de uma forma muito perfeita.

Eu vou aqui falar muito breve. Isso está no Buda Dharma, nesse tema do Buda Dharma, nesse livro que nós meia volta estudamos, que é esse resumo. Tem uma parte que diz: Brigas na Sanga. Uma seção lá que trata de brigas na Sanga. Aquilo começa assim, por exemplo, tem uma Sanga, todo mundo super bem, funcionando bem. Aí tem um bom praticante, que se levanta no meio da Sanga, e diz: “Eu descobri que eu tenho um defeito de prática, eu tenho um defeito na minha prática e eu quero confessar”. Ele é um bom praticante, a Sanga está toda unida, está tudo bem. Aí ele confessa aquilo e no meio daquilo alguém se levanta e diz: “Isso não é realmente um defeito”. Eles ainda são acolhedores com ele, mas ele insiste que aquilo é defeito.

Como é que começa a divisão: a pessoa está apontando em si um defeito; aí começam a surgir pessoas que dizem que não, que aquilo não é um defeito, é como se fosse alguém acolhendo, é acolhedor. Mas aí a Sanga começa a discutir se aquilo é defeito ou não é defeito. Um momento, como é que começou? Não é que alguém se levantou e puxou uma faca, não foi assim; alguém confessou e alguém defende aquela posição. Aí no meio daquela conversa, aquele que achava que tinha um defeito, ele passa para o lado daqueles que acham que então não tem defeito: “ok, eu entendi, então isso não é um defeito”.

Nessa discussão não se diz qual é o tema, é uma coisa simétrica assim. Eles ficam discutindo e aquela discussão aumenta de tom, aí o Buda intervém: “Vocês façam suas práticas; vocês não se preocupem com isso; vocês deixem isso”. Aí ele dá um ensinamento muito interessante que é assim: ele diz que a pessoa fala para o outro e se a pessoa aceita está bem; se não, nós adotamos a posição do outro. Isso é uma coisa muito interessante, porque você adota a posição do outro e você potencializa aquele carma, vamos supor. Aí aquilo segue, vai ser observado e nós vemos. Então tu não te opõe. Achei essa uma posição interessante. Mas aí eles seguem brigando, o Buda diz isso, mas eles não fazem, eles não fazem essa composição.

Aí o Buda fala de novo, depois o Buda fala de novo e o Buda conta uma história. Aí o Buda fala de novo. Daqui a pouco eles dizem: “Olha Abençoado, você é o Buda, você fica meditando lá e nós resolvemos isso por aqui”. Aí o Buda diz ok, se levanta e vai embora e eles nem notam. Como o Buda vai embora, o Buda vai embora para Saravasti. Quando o Buda vai embora, na cidade todo mundo sabe que o Buda foi embora porque a Sanga não tem qualidades. Aí quando eles foram mendigar, ninguém deu comida a eles. Eles tiveram um problemão. Eles terminam indo para Saravasti atrás do Buda. Quando eles chegam em Saravasti, o Buda está com a Sanga de Saravasti, aí a Sanga pergunta: “O que nós fazemos com esses terríveis aqui, que estão chegando?”. Aí o Buda diz: “Vocês acolham eles e nem falem coisa alguma”. Eles acolheram e pronto, encerrou. Mas é muito interessante a história que o Buda conta também para aquela Sanga que se divide sobre a questão das brigas. Essa história eu não vou contar porque ela também é comprida, é uma história dentro da outra assim.

Mas essa visão eu acho super interessante, de entender o outro dentro do contexto dele, adotar a posição se não é possível, e acompanhar e ver o desdobramento que aquilo possa ter. Mas quando eu digo isso, eu estou trazendo a noção de que na época do Buda, na presença do Buda, havia brigas e havia tensão na sala do Buda, debaixo da árvore do Buda havia isso. Então nós não julgamos, não achamos um horror nesse tempo, por exemplo, ter divisões na Sanga, ter visões sectárias entre os grupos, simplesmente vamos seguindo. Olhamos a nossa motivação e seguimos. Não temos a possibilidade, nem na presença do Buda, de conseguir arrumar aquilo. Então nós nos mantemos de uma forma elevada.

Eu vi, por exemplo, secretários do Dalai Lama contando sobre essa tensão com o culto Shugden. Eu achei aquilo muito hábil, os secretários do Dalai Lama dizerem: “Olhe, aqui no Ocidente, vocês não se envolvam com isso, isso é uma coisa tibetana, é uma

coisa de lá”. Porque são tensões antigas, entende? Agora nós olhamos, aqui no Ocidente, e começamos a embarcar em coisas desse tipo. Então não olhamos isso. Nós olhamos quais são os nossos votos, o que é que nós estamos praticando, [como] estamos indo. As tensões entre os grupos são quase inevitáveis, porque nós temos tabuleiros, [e] tem jogos, tem bolhas.

Aí nós dizemos: “Como é que a Sanga termina se organizando como uma bolha?” Porque ela está no *Samsara*. Se a Sanga não se organizar no *Samsara*, ela não pode ajudar dentro do *Samsara*. Então ela vai ajudar dentro do *Samsara*, é assim. Não tem problema, é isso. Aí nos movemos. Naturalmente, os ensinamentos têm os méritos, os ensinamentos produzem resultados. Isso é o que vai sustentar ou não vai sustentar os grupos. Os grupos que não tem méritos no final de um tempo eles afundam. Se eles são hostis, são grosseiros, eles esqueceram a verdade do ensinamento do Buda, eles vão desaparecendo porque aquilo não produz benefícios, não tem como sustentar. As coisas são sustentadas por mérito, não pelos processos do *Samsara* propriamente. O Dharma do Buda está garantido, ele garante a si mesmo, se sustenta por si mesmo. Esse é um ponto super interessante.

Por exemplo, o Oráculo de Delfos: quando os persas entraram na Grécia tinha o Oráculo de Delfos, que era o ponto central de todo imaginário espiritual grego, de toda aquela região. Aí eles disseram: “Como nós vamos defender o Oráculo diante dos persas?” e o Oráculo disse: “Vocês não se preocupem, o Oráculo se defende”. Isso é mais ou menos assim: Vocês não se preocupem, o Dharma se defende. Não precisamos usar um recurso grosseiro, não precisamos usar. E o Oráculo se defendeu super bem, sem problemas. Eu diria, assim, que o Dharma se defende. Por quê? Porque o Dharma é a lucidez diante das coisas, o *Samsara* não tem o poder diante da lucidez. Não tem articulação dentro do mundo grosseiro que derrube a Natureza Primordial, não tem como, não há essa possibilidade. O Dharma brota da Natureza Primordial, ele vem da lucidez, ele não tem problema nenhum. Então o Dharma ele se defende por si, desaparece e ressurge, isso não é um problema.

Para nós a questão toda é não imaginar que os diferentes grupos são a última salvação do Dharma, eles não são, então não colocamos assim. O Dharma se salva por si, o Buda é a nossa salvação, nós não somos a salvação do Buda. Isso tira o aspecto crucial que possa ser atribuído ao sectarismo. Precisamos retirar o sectarismo e precisamos tirar essa fixação, isso tira a base das tensões na Sanga. Mas eu estou aqui trazendo as tensões na Sanga, porque a Sanga é o lugar mais elevado na perspectiva budista. Se a Sanga tem tensões, tem divisões, tem pressões internas, imagina o resto do *Samsara* que se estrutura efetivamente de uma forma dentro das bolhas. Porque a Sanga quando se estrutura, ela tenta ultrapassar as bolhas, ela entende o que é que isso. Se mesmo entendendo é difícil, o que dizer dos outros seres.

Assim, deveríamos olhar com muito cuidado, de um jeito acolhedor, utilizando meios hábeis para que isso possa funcionar. O nosso desafio é sempre esse, ou seja, como conseguimos acolher algumas pessoas e não conseguimos acolher outras? Deveríamos considerar que isso é nossa falha, nossa impossibilidade, nossa limitação. Deveríamos considerar isso: nós não temos meios hábeis para ajudar efetivamente todas as pessoas. É isso, lamento.

Quando olhamos o próprio Buda, vemos que o Buda também não tinha como. Aí tem, por exemplo, o Devadatta, primo do Buda, sangue do sangue do Buda, foi “o” problema do Buda. Se nós quisermos pensar como é a personificação dos problemas do Buda é Devadatta. É muito interessante. Aí tem um certo momento em que Devadatta está integrado na Sanga e o Buda vai apontar diferentes praticantes como sendo dotados de meios hábeis específicos, e aqueles meios hábeis específicos são o ponto de partida para avançar na Sanga. Então ele diz: “Aqueles que têm a maledicência como

característica, que têm a inveja como característica, que têm a raiva, a agressão como característica, se juntem ao Devadatta e sigam o caminho a partir disso, porque o Devadatta iniciou assim o caminho e atingiu o progresso dele a partir desse ponto. Agora, aqueles que querem estudar e querem fazer isso, sigam com o Moggallana. Aqueles que querem...”. De acordo com as tendências de cada um, ele segue [como] um dos alunos dele assim, é esse processo. Muito interessante.

Também quando o Buda se aproxima da morte, poderíamos pensar: “O Buda agora vai nomear o sucessor, porque é uma figura humana que sustenta tudo”. Aí o Buda diz que não, o Dharma sustenta a si mesmo, o Dharma é que sustenta a Sangha, o líder da Sangha é o Dharma e não alguém. Eu acho isso super hábil também no sentido de quebrar a noção sectária. Se o Buda não tivesse tido esse cuidado, o budismo surgiria como um reino, como uma tradição que agora tem um líder que faz contato com o Buda Primordial, de lá desce aquilo, tem uma estrutura de poder, o que é muito parecido com algumas igrejas, a maior parte das igrejas, elas terminam se estruturando desse modo. Houve o tempo em que reis e rainhas eram ungidos a partir do poder eclesiástico, que tinha contato com Deus diretamente. Então essa é a estrutura, mas no budismo não tem isso, é o Dharma que sustenta, não é alguém que mantém isso.

Eu estou falando aqui porque nós estamos entrando em uma área pesada. Essa área pesada o que é que é? Nós estamos apontando as Dez ações não virtuosas, então temos a tendência a julgar os outros, a julgar a gente mesmo, a olhar isso de forma pesada. Resumindo, o que é que eu estou trazendo? Eu estou trazendo (que) nós somos personagens dentro das bolhas. Se nós não ultrapassarmos o papel de personagem dentro de bolhas específicas do *Samsara*, as Dez ações não virtuosas seguem pulsando dentro de nós. Nós podemos estar dentro da Sangha, na Sangha do Buda, na presença do Buda, e as ações não virtuosas - porque estamos dentro das bolhas – podem surgir. A própria Sangha, quando se organiza, pode virar uma bolha, quando ela vira uma bolha ela causa as Dez ações não virtuosas, isso não é uma teoria, isso é uma realidade, é só observar em várias direções como isso acontece. Se vocês estudarem a história factual, dos relatos, vocês vão encontrar muitos conflitos dentro da Sangha e aquilo são sempre bolhas, são sempre grupos que se estruturam.

Quando o grupo se estrutura, os méritos que ele é capaz de produzir se misturam com a experiência do grupo, eles não são vistos como méritos do Dharma, são vistos como méritos do grupo, aí o grupo fica mais importante que o Dharma. Aquela estrutura fica mais importante que o Dharma. Quando ela fica mais importante que o Dharma, iniciou o processo do *Samsara* em um nível grave. E nós vamos encontrar maledicência, hostilidade, mas não porque as pessoas sejam malignas, mas é porque elas estão dentro de bolhas e as bolhas terminam ocorrendo desse modo. Aqui, por exemplo, tradicionalmente (só para [nós] rirmos um pouco, os gaúchos sempre dizem: “Isso foram os argentinos que invadiram e roubaram o gado, foram os uruguaios...”. E do lado de lá também: “Isso foram os brasileiros que invadiram e pegaram isso e pegaram aquilo”. Então nessas regiões de fronteira tem sempre essas explicações. Também os crimes, a pessoa mata o vizinho e diz: “Isso foram os argentinos que vieram aqui e mataram e fizeram isso e aquilo”. Até nos filmes vemos assim, curtas metragens gaúchos sempre lembram esse imaginário, “Ou então foram os índios”, alguma coisa assim, nunca é tu mesmo que foi lá e matou, botamos a culpa do outro lado da fronteira. Mas se tu atravessar a fronteira, os outros botam a culpa para o lado de cá.

Agora vamos supor que nós moremos aqui um tempo, de repente vamos morar do outro lado, aí os inimigos viram os brasileiros para nós, nós trocamos de coração, passamos para o outro lado e acontece isso. Podemos entender como tem essa simetria, não é uma nacionalidade ou outra nacionalidade, ou um grupo ou outro grupo, é a bolha! Mas uma das dificuldades desse processo que não entendemos bem, é que nós acreditamos que existimos fora da bolha. Aquele ser que está raciocinando, ele é

o ser da bolha, ele raciocina junto com a bolha, ele surge da bolha, ele é uma emanção inseparável da bolha. Então vai imaginar assim, um gremista achando tudo bem o Inter ganhar, isso não fica direito, não há condições, aquilo é excludente: a pessoa é gremista ou não é gremista, uma coisa simples. Eu aqui não vou falar em preferências clubísticas, porque eu mesmo né... Entendemos perfeitamente como é que são os personagens, eles surgem desse modo, eles surgem inseparáveis da bolha. Não temos nem como culpar os personagens, aquilo está perfeito.

Eu acho interessante esse relato, por exemplo, da morte de Nagarjuna. Nagarjuna tinha uma perfeição de comportamento, ele não tinha falha nenhuma, então não tinha como pegar ele. Essa é uma visão: se você não tem falha cármica, você não tem como ser atingido. Então tinha um príncipe que queria matar o Nagarjuna, por razões da bolha, não vou dizer que era ele, era a bolha, Nagarjuna incomodava de algum modo. (Comentário de um praticante: o príncipe queria se tornar rei e só conseguiria quando o rei morresse e o rei só morreria quando Nagarjuna morresse). Aí o príncipe foi até Nagarjuna e disse: “Como eu faço para te matar?” e Nagarjuna “Eu não tenho nenhuma falha, como pode ser, se tu vier...com tal coisa não tem como”. Nagarjuna pensou: “Ah, agora eu lembro”. Ele tinha feito uma ação não virtuosa em um outro tempo, então ele disse: “tu pega uma folha de grama” e (o Lama faz som de corte) ele matou o Nagarjuna com uma folha de grama, porque ele tinha uma falha de um outro tempo, eu não me lembro qual, talvez tu lembre (fala de praticante: o Nagarjuna tava capinando e matou um inseto). Então foi isso, tem que dizer isso para Mara (risos). O Nagarjuna podia falar: “Você não está vendo que eu sou um grande sábio, inseparável de todos os Budas, afinal eu não sou nem eu, eu sou uma existência transcendente completa e você está com esse tipo de pensamento?”, mas ele não diz isso. Se fosse comigo eu chamava o Pelle (risos): Pelle, resolve cara. Em último caso, chama o Pelle e o Juca, e o Henrique, vamos lá, vamos resolver, eu fora, não me tragam o cara aqui, eu sou cheio de carma (risos).

Esse aspecto é muito comovente. Nós não deveríamos desenvolver nenhum tipo de visão de oposição ao fato de que as pessoas têm oposição. É assim, é isso. Então, se dentro da Sanga ocorre isso, o que dizer no mundo? O Buda passou por várias situações em que os seres o perseguiam, de vários modos. Depois que o Buda morreu, teve vários grandes praticantes que foram trucidados, atacados e mortos. Vocês vêm, os praticantes super pacíficos. Em primeiro lugar: eles não têm posses. Segundo lugar: eles não têm casa; os lugares [em] que eles habitam não pode ter mais que uma certa altura, eles não têm servos, eles não têm terras. Eles não excluem nada, eles acolhem todos os seres. Como é que alguém pode querer matar um ser desse? Ainda assim, acontece.

Quando eu explico isso, eu estou tentando absolver todos os seres que fazem ações não virtuosas que vamos listar: ações não virtuosas de corpo, de fala e de mente. Isso é assim, pessoal: todos eles têm natureza de Buda e estão operando dentro de bolhas, eles vão fazer isso. Essa é a visão de *Bodhicita*. Se eu utilizar a visão da bolha, eu não tenho essa tolerância, aí vamos usar visão adversarial. Aqui vamos utilizar como caminho a observação dos impulsos correspondentes às ações não virtuosas em nós. No aspecto grosseiro, nós evitamos as ações não virtuosas. No aspecto sutil, nós praticamos a mente que evita as ações não virtuosas. No aspecto secreto, nós praticamos a mente livre que se permite andar desse modo. Então isso se torna o nosso caminho.

Mas é muito importante que a primeira forma de prática vem no nível grosseiro. O Buda vai apresentar isso, essencialmente: a primeira forma ele apresenta no nível grosseiro, ou seja, nós evitamos as ações não virtuosas. Evitar as ações não virtuosas é essencialmente impossível. Mas os votos são: não mate; não roube; não pratique ações sexuais impróprias – são as práticas de corpo. Depois vêm as práticas de fala e

as práticas de mente. Nós não conseguimos. Não conseguimos não matar, não conseguimos nenhuma das práticas de uma forma perfeita, não tem como, por quê? Porque dentro das bolhas, dentro do *Samsara* não há possibilidade de fazer de modo perfeito. Então aquilo se torna o nosso caminho. Entendemos aquilo, entendemos as consequências das ações, nós tentamos melhorar e por isso aquilo se torna o caminho.

Nós vamos abandonando o referencial que apenas olha o aspecto grosseiro e começamos a olhar o aspecto grosseiro e o aspecto sutil. “Eu matei mas não queria”, “Com a minha mente eu não matei, mas eu reconheço a natureza búdica daquele seres, eles estão além de vida e morte, eu pisoteei mas não queria”. Aí vocês vêem os mestres: pisotearam em um animal, eles assopram, eles vêem a mente do animal como algo que está além de vida e morte e fazem a transferência de consciência. Por quê? Porque eles têm o voto de *Bodicità*, eles têm o voto de não causar sofrimento, assim por diante. Mas sob o ponto de vista grosseiro não há possibilidade. Sob o ponto de vista sutil, eles terminam adotando a mente que ultrapassa isso, aí eles terminam vendo essa mente como a mente de *Bodicità*, terminam vendo *Bodicità* como uma expressão da Natureza Primordial, do Buda Primordial, expressão de Chenrezig em meio ao mundo.

No início, achamos um pouco estranho que os Bodisatvas, enfim, não tenham a possibilidade de perfeição. Mas, no final de um tempo, entendemos que a perfeição chega a um nível extremo: que é manifestar o corpo ilusório em meio às condições, mesmo sem a possibilidade de perfeição. A perfeição que fica no nível sutil e secreto. Mesmo em meio aos ambientes contraditórios, o Buda se manifesta, ele cruza essa fronteira e entra na região onde não possibilidade de uma perfeição, onde ele vai ser alvejado, não vai ser entendido, mas ele se manifesta ali dentro, esse é o sentido de *Nirmanakaya*, esse corpo *Nirmanakaya* passa por isso. Ele se manifesta mas não tem uma unanimidade. Ainda assim ele vem, porque é ali que os seres estão. É como, por exemplo, entrar na panela dos infernos onde o ser está fritando, ele não tem como entrar na panela sem se fritar um pouco junto.

Eu acho muito interessante ver que, em cada um dos reinos, o Buda tem uma feição semelhante aos seres do reino. Por exemplo, no Reino dos infernos o Buda tem uma cara dos infernos; no Reino dos seres famintos, uma cara dos seres famintos; no Reino dos animais, tem um rosto que os animais entendem; no Reino humano, ele tem uma aparência humana; nos semideuses, ele se veste como um militar; no reino dos deuses, ele tem a aparência de um músico, de alguém que encanta as pessoas.